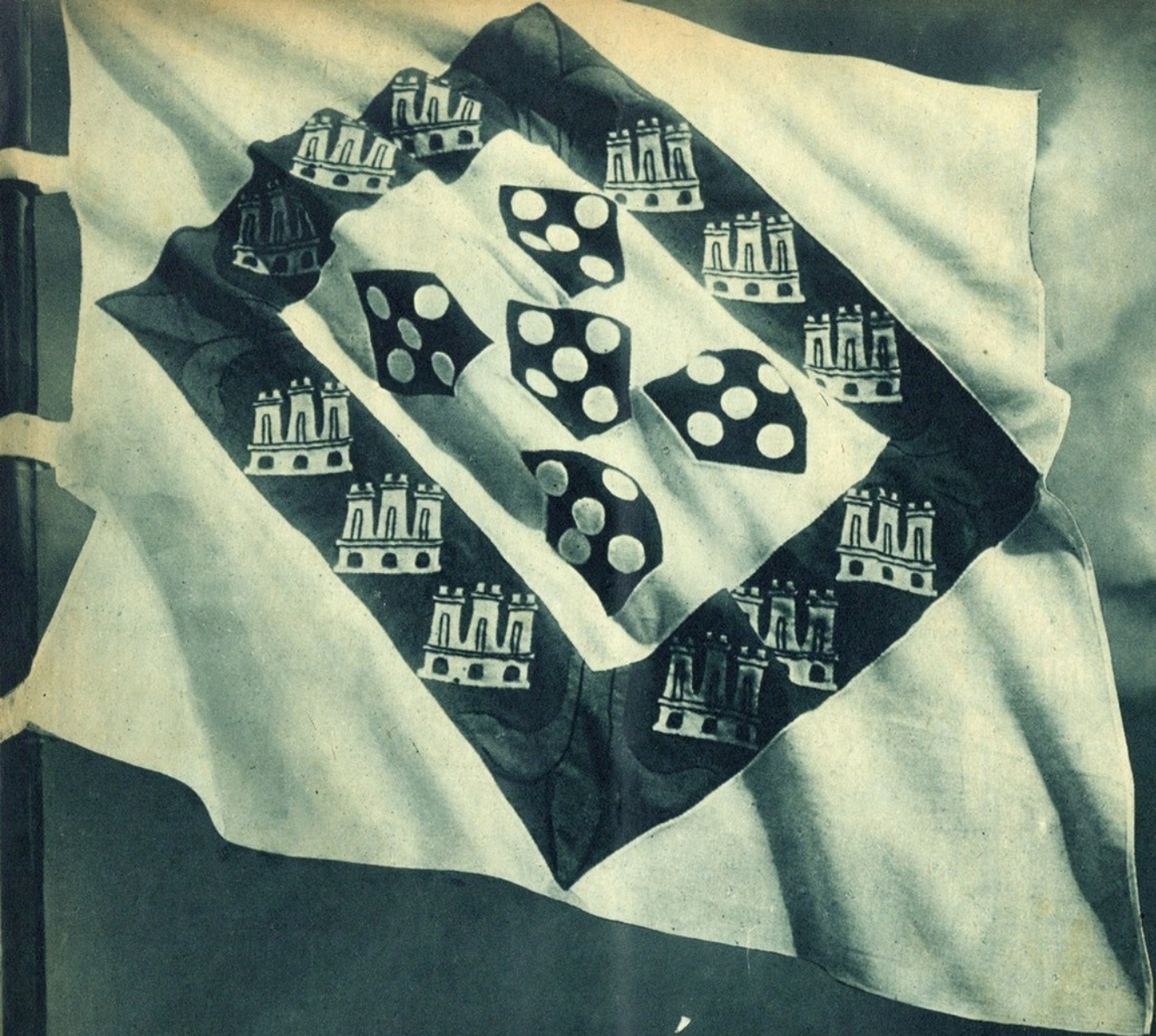
mocidade portuguesa feminina

"LÁ VAMOS CANTANDO E RINDO..."

28 DE MAIO - 1939

ACAMPAMENTO DA PALHAVÃ

SUMÁRIO

N.º 2

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

"MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA"

BOLETIM MENSAL — LISBOA, JUNHO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.
Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.º 6 — Lisboa

NÃO SER COBARDE...

«JE NE REGARDE PAS EN ARRIÈRE;»
«JE NE REGARDE PAS EN AVANT;»
"JE REGARDE TOUJOURS EN HAUT"

Li uma vez êste pensamento. Se não fôr capaz de te dizer de quem é, nem por isso o tomarás por menos belo...

Não olho para traz; não olho para a frente;

Só para o Alto eu olho!

Marca lá na tua vida êste destino. Aponta à tua alma de rapariga êste Norte:—os altos Cimos—e sempre os mais altos, os que toquem no azul do Céu, os que subam ainda para lá, muito para além mesmo do azul...

Não é permitido a ninguém ser cobarde—ser mediocre.

Nunca dar a alma à cobardia da mediocridade!

E' a negação da mocidade—a mediocridade...

Olhar a direito, e olhar direito, já é bom. Mas saber onde moram as *grandes coisas* e trazer sempre nelas o coração, eis o ideal.

As coisas sublimes, as que te devem apaixonar, *as que te merecem,* e merecem os teus entusiasmos, os teus ardores quentes de mocidade, essas andam na Altura—*e moram na Casa de Deus.*

E' gastar-te, sem nome e sem glória; é sofrer sem alegria e sem esperança; é morrer sem nunca ter sido jóvem, andar a gente a ralar-se procurando cá em baixo, os olhos pregados na terra e nas coisas vis e pobres que ela oferece—procurar aquilo que é do alto.

Malgré tout, vers le Ciel il faut lever les Yeux!

E'. uma voz de poeta—mas repara bem que é a tua—porque é afinal a de todos nós. *Não sejas então cobarde!*

A vida tem de ser vivida com coragem:
Repara:—com coragem alegre.
Ainda mais:—com a alma tôda.
Ainda mais e melhor:—com todo o coração
descansado na posse de um Grande Ideal.
Sobe! Deixa os outros rastejarem...
Repara na águia...
Vê os sapos e as rãs...
Não basta ser ou ter *alguma coisa*—é preciso sobretudo **ser alguém!**
As cobardes nunca fazem nada e nunca chegam a ser alguém.

As cobardes—quero dizer as de alma pequenina, as que pesam e medem o sacrifício que têm de dar à Virtude—as da confraria dos braços cruzados—as que «deixam correr»...

As cobardes—quero dizer as que gastam a mocidade a esvasiar-se e a diminuir-se—as cansadas...

...as que nunca riem com a alma tôda...
...as doentes da vida...
...as que se negam ao heroismo, preferindo o seu comodismo
a sua pobreza espiritual
o seu pessimismo
o seu tôlo diletantismo
As cobardes—isto é, as... **vencidas.**

G.

SALÃO de Educação Estética da "MP"

NA Sociedade Nacional de Belas Artes estiveram expostos, de 21 a 28 de Maio, os trabalhos do 2.º "Salão de Educação Estética da Mocidade Portuguesa".

O rés-do-chão foi reservado para os trabalhos dos rapazes, com excepção de algumas colchas de Castelo Branco e Tapetes de Arraiolos, obras de raparigas.

Se o nosso interêsse especial nos não chamasse ao andar superior onde, em 3 salas, se encontrava a secção da M. P. F., muito já poderiamos dizer destas primeiras salas que muito admirámos.

As filiadas da M. P. F. concorreram com uma profusão de trabalhos que mostram bem, pela quantidade e a qualidade, como os lavores femininos têm ainda lugar de honra na educação da rapariga portuguesa.

Nem todos os trabalhos puderam ser expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes porque não caberiam lá e ainda porque nem todos corresponderiam às exigências dêsse Salão de Educação Estética; mas pudemos apreciá-los no salão do liceu Maria Amália Vaz de Carvalho e só por falta de espaço lhes não fazemos referências mais detalhadas.

Algumas notas a correr, da nossa visita à Sociedade Nacional de Belas Artes.

Logo na *1.ª sala* trabalhos de Viana do Castelo, em linho, bordado a azul, encarnado e branco, alguns com desfiados, chamam a nossa atenção, pois, a-pesar da sua simplicidade, são sempre vistosos e bonitos.

Menos aparatosos, mas mais delicados, em tons de azul e flores miudinhas, os bordados de S. Miguel (Açores) também são bem dignos de substituir tantas banalidades sem arte nem beleza que andam pelos jornais de lavores.

Os bordados a ponto de cruz, em côres delicadas e bem matisados, também são sempre bonitos.

Nas mesas das rendas — filet, rendas de agulha e de gancho, etc. — há muito que ver e gabar!

Uma rica toalha aqui... um lindo pano acolá... demoram a nossa atenção.

E mesmo entre os trabalhos pequenos, de arte aplicada, que lindas coisas e lindas ideias! Reparo em 2 albuns. Amôr da terra em que nascemos, amôr de terras distantes que nunca vimos... Um deles, do Império Colonial Português, com brazões bordados. Outro, de couro trabalhado, tendo na capa estas palavras sugestivas: "Encantos da minha terra". Dentro, desenhos de monumentos e paisagens alentejanos. Abri ao acaso. Uma seara, acompanhada dêstes versos:

Vasta e linda campina alentejana
Que o sol nascente de mansinho enleia,
Metarmofeseando-a na paveia
Celeiro grão da Pátria Lusitana!

E' com trabalho árido e constante
Que ela a transforma assim em tal tesoiro
Que troca uma espiguita em libra de oiro
Ou numa hóstia, pão santificante.

Campina! Ah! Tu que fizeste ao grão!
Metido no teu seio apodreceu.
Esfarelou... Mas porque não morreu
E produz cem por um teu coração?

Ocupando 2 lados da sala, vestidos... e mais bordados, rendas, desenhos... Mas temos de passar adeante.

2.ª sala. Nas paredes, panos bordados, interessantes. Um dêles, — Senhora da Atalaia — com motivos populares, pares que dançam, vasos de mangerico, animais e flôres.

Outro com episódios de "S. João subiu ao Trono": os 3 Mestres, a Rainha, o Príncipe, a Pastorinha, os cavaleiros Jagodes, Roupinho e D. Fuas, a Velha Ferrunfunfelha e lá no trono o Menino S. João!

Por baixo, uma cómoda com um conjunto interessante: colcha de chita, toalha de renda e entre duas jarras com ramos de oratório uma estampa de Nossa Senhora, pintada ao gôsto popular com côres garridas.

Mas há tanto para ver! — Vamos seguindo... Bordadas em tule fino, as figuras e brazões das Rainhas D. Leonor, D. Maria II, Santa Isabel e D. Filipa de Vilhena.

Montões de almofadas... Bonecas graciosas, algumas com trajes regionais, outras com fardas da M. P. F. Bordados de crivos... de aplicação... bordados a branco...

Trabalhos de empreita (Algarve). Cartonagens... Encadernações... Livros, pastas, caixas, calendários... Poderiamos encher o nosso Boletim com a enumeração de tantas coisas bonitas!

A *3.ª sala* é consagrada a roupas de criança. O eterno encanto das coisas mimosas em que as mãos das mulheres dum modo especial criam beleza, tocando tudo de graça!

Vestidos de baptisado... Tules e cambraias em que parece que as mãos não pousaram...

Bêrços que parecem de espuma na sua brancura imaculada...

Agasalhos de lã, quentes e fôfos...

Roupinhas bordadas...

Esta sala é uma tentação para as mamãs! E uma sedução para aquelas que o não são!

Como resumir em poucas palavras as impressões de tanto que vimos e admirámos?

— "Filiadas da M. P. F., *muito bem!*"

M. J.

R.ª dona Leonor

RAINHA DE PORTUGAL

TÔDAS as raparigas que se honram de pertencer à *Mocidade Portuguesa Feminina,* sabem que esta patriótica instituïção escolheu as memórias de duas excelsas mulheres para nelas particularmente colher inspiração para as suas prestantes iniciativas. Porque julgo tais designações só apropriadas a figuras de sobrenatural esplendor, não chamarei *patronas* nem *padroeiras* às duas grandes Raínhas tão bem escolhidas para exemplificar virtudes orientadoras de um ideal educativo de radioso alcance nacionalista. Não julgo, porém, sacrílego, que, nos seus momentos de ardorosa e colectiva súplica ao Céu pela felicidade da Pátria e da grei, as filiadas na *Mocidade Portuguesa Feminina* envolvam os nomes de D. Filipa de Lencastre e de sua bisneta, a Raínha D. Leonor, em fórmulas de prece, como se evocam os de santos, medianeiros entre nossas aspirações e a divina misericórdia.

Por meio de qualquer compêndio de História Pátria ou de biografias mais ou menos extensas e documentadas, será facílimo, a qualquer "infanta" ou "vanguardista", travar íntimo conhecimento com a personalidade da fundadora das Misericórdias e com a da mãi dos ínclitos infantes. Não sobeja espaço neste *Boletim* para arquivar o que alguma ignorância curiosa encontrará na mais pobre das nossas bibliotecas. Mas também mal ficaria ao porta-voz da *Mocidade Portuguesa Feminina* não recordar, nas suas páginas, os augustos perfis daquelas cuja projecção moral na História Pátria é tão sugestiva e atraente que dela pode, a todo o momento, evolar-se o mais avisado conselho, estímulo fecundo ou exemplo sobremodo encorajante. Em obediência a tal maneira de ver, aqui se evoca hoje, em impreciso esbôço biográfico, a portuguesíssima e bela figura de D. Leonor de Lencastre.

Nasceu em 1458, no paço onde, em Beja, tinham moradia seus pais, o Infante D. Fernando, irmão de Afonso V, e sua espôsa, D. Beatriz, neta de D. João I e filha do menos insigne de seus primeiros descendentes legítimos. Nasceu no mês de Maria, quando o rubro das papoulas abria sorrisos na païsagem austera do Baixo Alentejo.

Aos doze anos, pouco depois de perder o pai, desposou seu primo, o príncipe herdeiro D. João, só três anos mais velho, mas já ponderado e grave, já desconfiado, já destoando na côrte do noso último rei-cavaleiro, o irreflectido e crédulo Afonso, *o Africano.* A-pesar das conveniências políticas e familiares terem disposto da sua vida sentimental em idade tão menineira, há razões para crer que D. Leonor teria sido sempre feliz durante os seus vinte e cinco anos de casada, se temporais de ódios e de fatalidade não se desfizessem sôbre o glorioso reinado do *Príncipe Perfeito.*

Viuva aos trinta e sete anos, D. Leonor, que, lado a lado com o gigantesco vulto histórico de D. João II, já conseguira patentear o mais sedutor conjunto de qualidades morais e intelectuais, de alma e coração se dedicou quási exclusivamente a obras de piedade, de beneficência, de protecção às letras e às artes, pondo em actividade, em prestante e incansável movimento, seus dotes raríssimos. Dessa providencial norma de vida resultaram iniciativas e realizações que para sempre glorificaram o seu nome, na bôca do povo e na pena dos historiadores. Bem ganha foi a sua auréola de generosidade, de superior espírito cristão com ampla envergadura intelectual. Antes, porém, de fixar alguns dos seus reflexos, deduzamos, dos factos culminantes da sua vida de simples mulher e de espôsa de um rei, quais os seus dons morais que é impossível não reconhecer com enlevada admiração.

Viu seu marido transformado em implacável perseguidor daqueles a quem estava presa por íntimos laços de família, — de seu irmão, o duque de Viseu, e do marido de sua estremecida irmã, a duquesa de Bragança, D. Isabel, eleita para sua companheira no sono eterno, que ambas dormiriam nas campas razas para ambas reservadas, por sua ordem, ao canto dum claustro pequenino e silencioso, no convento da Madre de Deus. Condenada pelo destino a representar espectaculoso papel de heroína de tragédia, D. Leonor soube sofrer mil angústias com tão discreta e edificante compostura que nenhum dos gestos de horror, das queixas e súplicas que forçosamente esboçou e soltou, rompeu as paredes de um paço real — sempre de tão apurada vista e de tão curioso ouvido — para se fixar em página de crónica ou só no comentário do cortesão mexeriqueiro. Quere isto dizer que D. Leonor foi *senhora,* grande senhora, num transe em que muito espinhosas lhe pareceriam as exigências impostas por tão malbaratado epíteto. Mulher de um rei, soube compreender que o prestígio da coroa sofreria se à beira do soberano aparecesse, em vez de uma espôsa respeitosa, uma acusadora ou tão sòmente quem ousasse verberar-lhe a crueza com que tudo sacrificava à sua intransigente visão política.

Mãi de coração alanceado pela inglória morte do filho único, então em pleno desabrochar de tôdas as venturas, muito cristãmente sofreu a mais dura provação com que a têmpera da sua fé podia ser experimentada pelos impenetráveis desígnios de Deus.

Quando o trono ficou sem herdeiro, defendeu encarniçadamente as pretensões de seu irmão D. Manuel contra as do Senhor D. Jorge, filho ilegítimo de el-rei, não por querer o cetro em mãos fraternas mas pelo respeito devido ao que as boas normas do direito pátrio estabeleciam, em tão melindrosa conjectura, quanto à ordem natural da sucessão.

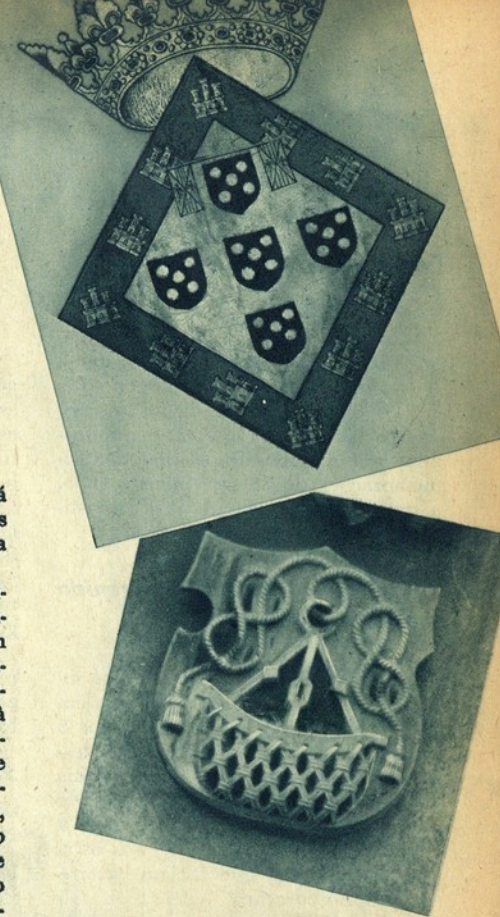
Foi ainda em vida de D. João II que D. Leonor iniciou uma das suas mais simpáticas obras: a fundação do Hospital das Caldas da Rainha, cuja primeira pedra se lançou à terra no dia 22 de Janeiro de 1485. Assentam em puro espírito caritativo as três versões, qual delas a mais curiosa, do móbil que levou a soberana a doar ao povo enfêrmo de chagas, tumores e "frialdades", um hospício onde se albergaria enquanto procurava os já bem conhecidos benefícios das águas cálidas que rebentavam no termo da sua vila de Óbidos.

Depois de enviuvar, traçou a Raínha o plano da assombrosa realização de assistência social que seriam as Misericórdias, obra tão impregnada da mais sublime e aliciante essência cristã que, incólume, resistiu à fúria ímpia dos tempos mais castigados pela irreligiosidade dos homens e das instituïções. Nessa abençoada iniciativa colaborou o seu confessor, Frei Miguel Contreiras, frade trino bem popular nas ruas de Lisboa, que percorria com um burrinho ajoujado ao pêso de géneros alimentícios e roupas que esmolava de porta em porta, para ir entregar aos indigentes. Quando mais nada atestasse a grandeza de alma e a sublimidade dos sentimentos de quem tão nobremente mereceu cingir a coroa, a obra das Misericórdias — que, iniciada em Lisboa, estendeu ramos protectores a tôda a miséria do reino — bastaria para imortalizar o nome de D. Leonor de Lencastre, que, por inspiração divina, lhe deu imorredouro alento.

Mais tarde, querendo ter seguro refúgio na vida e na morte, funda o mosteiro da Madre de Deus, em Xabregas, que, em preciosidades artísticas e relíquias inestimáveis, contém eloqüentes testemunhos da sua piedade, do seu amôr à Beleza e aos que sabiam criá-la.

Incitando a publicação de livros raros, mostrou quão inteligentemente reconhecera o alto papel civilizador reservado à descoberta da imprensa, então ainda recente e ainda olhada com reservas por alguns príncipes cristãos.

Em Gil Vicente, lavrante de ouro, na côrte só apreciado por seu bom-gôsto e habilidade manual, soube descobrir o génio dramático que modelou a língua pátria em aureas páginas literárias.

Escolhendo, para o marido e o filho bem amados, sepulcros magnificentes nas capelas da Batalha que ficaram *imperfeitas,* reservou, para o seu corpo, a mais humilde das sepulturas, em campa raza, pisada por quantos não atentassem no sucinto epitáfio onde se lia o seu nome, mas não se afirmava estar ali repousando da mais prestante canseira, a mais santa das raínhas que não foram santas.

Será preciso acrescentar mais algum traço biográfico a tão belo perfil moral? Julgo que não, como julgo que tudo quanto disse ficaria bem substituído pelas seguintes linhas: D. Leonor de Lencastre, raínha pelo sangue e pelo excepcional conjunto de virtudes que, em qualquer caso, a tornaria bendita entre as mulheres do seu tempo, foi uma cristã exemplar, que soube conciliar sentimentos da mais fervorosa piedade com revelações do mais claro entendimento, que soube descobrir a mais doce maneira de apresentar a esmola, que soube chamar para o serviço da Fé, da Pátria e da Arte, contemporâneos ilustres. Indiferente a recompensas terrenas, imunizada contra o orgulho e a vaidade, dignamente cumpriu o seu dever de raínha e de mulher, penou o seu calvário de mãi, fazendo por merecer o trono dos bem-aventurados, o único onde não chegam injúrias do Tempo nem rumor de paixões.

TERESA LEITÃO DE BARROS

RECORDANDO O PASSADO

CONTINUANDO a "Recordar o passado„ — pois seria pena deixar apagar os vestígios dos primeiros passos de M. P. F. — publicamos hoje algumas fotografias das comemorações de 28 de Maio de 1938, a que as filiadas da M. P. F. assistiram ou em que tomaram parte.

28 de Maio — Desfile na Avenida da Liberdade

As filiadas da M. P. F. não se incorporaram no desfile, assistiram em talhões reservados à passagem dos 8 mil rapazes que entre aclamações desceram a Avenida. Mas quem, mais do que elas, teria sentido a alegria e o entusiasmo dessa hora em que "a Mocidade passou„ a vibrar nos mesmos sentimentos que faziam bater o seu próprio coração?

A "Mocidade„ é só uma no seu generoso desejo de servir e na sua esperança dum Portugal maior pelo esfôrço e sacrifício de todos os seus filhos, mas, rapazes e raparigas, têm lugares diferentes e naquela tarde de 28 de Maio cada um estava no seu posto: os rapazes marchando ao som das cornetas e dos tambores e as raparigas seguindo com os olhos e o coração a bandeira que os guia — e as guia também a elas!

Os rapazes ao sol! As raparigas mais na sombra... Mas todos unidos para serem uma fôrça única que transforme e engrandeça Portugal.

29 de Maio — Missa no acampamento da M. P.

A's 8,30 da manhã o senhor Arcebispo de Evora celebrou missa em Palhavã.

O altar, armado, numa elevação do terreno sobranceiro ao acampamento para que todos o pudessem ver, estava rodeada por bandeiras da "Mocidade„ feminina e masculina.

Em baixo, no campo onde as barracas pareciam enormes flores brancas, a multidão dos rapazes alinhava-se respeitosa.

Junto à Tôrre do comando agrupavam-se as raparigas.

Um numeroso coral de filiadas da M. P. F. cantou a missa.

A' elevação, quando sob a abóboda azul daquêle Templo imenso se ergueu a Hóstia que continha o Criador e Senhor do mundo, um clarim tocou a sentido e num gesto que era uma saüdação mas parecia também ser um juramento de fidelidade e de amôr, a "Mocidade" estendeu o braço enquanto as bandeiras se inclinavam.

Um terno de clarins dos "lusitos" fez-se ouvir no silêncio impressionante dêsse momento sagrado em que Deus, descendo sôbre o altar, se ofereceu mais uma vez por nós.

E êsse toque de clarins teve na nossa alma um encanto que nem as trombetas de prata da igreja de S. Pedro, em Roma, conseguiriam igualar: porque êsse toque de clarins tinha o som da própria alma da "Mocidade": rapazes e raparigas, filhos de Deus e filhos de Portugal, glorificando a Pátria na sua glorificação a Deus!

A' comunhão muitos rapazes e raparigas receberam N. Senhor enquanto o côro entoava cânticos eucarísticos.

Terminada a celebração do Santo Sacrifício, o senhor Arcebispo de Evora pronunciou ao microfone uma alocução.

A' tarde. — No campo de Jockey Clube

Uma tarde linda, em que o sol e a alegria brincavam no ar. Dezenas e dezenas de milhares de pessoas aglomeravam-se pelo campo fóra, tão longe, algumas, que quási não poderiam ver nada, mas ali estavam, sem arredar pé, porque o coração as tinha ali presas.

Na tribuna presidencial encontrava-se o senhor Presidente da República, Presidente do Conselho e todo o Govêrno.

O festival começou com a chegada dos aviões da M. P. Assim que estes aterraram, surgiram as filiadas da M. P. F. levando à frente as suas bandeiras e guiões.

Só quem assistiu a essa passagem das nossas raparigas pode avaliar o que foi o entusiasmo e as aclamações que as acolheram.

As filiadas apresentaram-se com aprumo, mas ao mesmo tempo com uma simplicidade, uma elegância, uma distinção, que a sua passagem, a-pesar de ter imponência, foi uma visão de beleza e não um desfile "militar".

Os mais difíceis de contentar não lhes regatearam louvores: nada havia que dizer senão bem!

A apresentação da M. P. F. — rápida e discreta — não foi uma exibição, foi apenas um sorriso das raparigas que publicamente vieram afirmar com a sua presença que a Pátria pode contar também com elas!

E assim "a Mocidade Portuguesa Feminina passou..." ligeira e graciosa e deixando atrás de si um rasto luminoso, como uma dessas estrelas cadentes que a nossa esperança acompanha.

Depois de terem desfilado em continência por deante da tribuna presidencial foram sentar-se nas bancadas que lhes estavam reservadas, donde assistiram à lindíssima festa que foi a tarde de 29 de Maio, no Jockey.

M. J.

APROXIMAM-SE AS FÉRIAS

JÁ se fala tanto de férias! O desejo, a esperança, a alegria das férias que se aproximam já vivem connosco.

Há anos um jornal fez um inquérito sôbre a mais bela palavra da língua portuguesa. *Saudade* parece-me que foi a mais votada. Mas estou certa que, se nesta altura do ano, preguntassem às estudantes qual é a mais bela palavra do dicionário, quási tôdas responderiam: *Férias!*

E' natural. As férias são o merecido descanso depois dum ano de trabalho, a dôce recompensa do nosso esfôrço. As férias são um legítimo quinhão de alegria para quem cumpriu o seu dever.

Para o mês que vem, quando o nosso Boletim aparecer, encontrará muitas de vós já a fazer as malas. E como os vestidos são a *bagagem* mais pesada duma rapariga e aquela que mais de longe se começa a preparar, falemos hoje um pouco sôbre o modo de nos vestirmos bem.

Não julgueis que para se andar *bem* vestida é preciso ter vestidos de tôdas as côres do arco iris, de todos os tecidos que as fábricas lançam no mercado e de todos os feitios que os figurinos apresentam como sendo a "última moda".

Não é a quantidade, a variedade e o luxo das vossas *toilettes* que vos tornará elegantes: é o bom gôsto da sua escôlha e a harmonia que existir entre o vosso vestuário e a vossa idade, a vossa figura, a vossa situação social e as ocasiões.

Nem tudo fica bem a tôda a gente e nem tudo é próprio para todos os momentos.

Há côres, desenhos e feitios que ficam lindamente a uma pessoa e mal a outra; há modêlos que, elegantes para uma senhora, serão ridículos para uma rapariga; há vestidos que numa sala são distintos e numa práia poderão ser apontados a dedo.

Antes de comprarmos as fazendas e escolhermos os figurinos pensemos um pouco em tudo isto.

Quereis uma regra para *bem vestir* que nunca falha? Escolhei fazendas e feitios simples, modernos mas sem exageros; as coisas estravagantes raras vezes são distintas.

Mas há sobretudo um ponto a que as filiadas da M. P. F. deverão atender: à *correcção* do seu modo de vestir.

Se o seu mau gôsto as vestir de amarelo — lá é com elas...

Se se carregarem de fitas e laços — também daí não virá grande mal ao mundo...

Mas se o seu modo de vestir fôr inconveniente, se escandalisar pela sua falta de modéstia, nêsse caso já o seu defeito recaïrá sôbre a organização a que pertencem.

Imaginemos, por exemplo, uma filiada da M. P. F. apresentando-se com um fato de banho ou de baile que seja incorrecto.

— "Olha como aquela rapariga anda vestida! E é da "Mocidade"!!..." não faltará quem censure.

Inconscientemente, essa rapariga está a diminuir o prestígio da organização a que pertence, está a prejudicá-la. E o nome da "Mocidade" tem de ser dignificado por tôdas as suas filiadas.

E' preciso que as raparigas da "Mocidade" sejam capazes de reagir contra a imoralidade de certos ambientes e costumes dizendo para si-mesmas: "Porque sou da "Mocidade" não posso fazer nada que me fique mal".

E a questão *vestuário* é das mais importantes. Sobretudo nas práias a incorrecção do vestuário chega a ser por vezes indecente.

Porque não hão-de as raparigas da "Mocidade", em vez de se deixarem arrastar pelo mal, ter a coragem de resistir a certas modas em oposição com os princípios de moralidade que lhes têm sido inculcados?

Uma só pouco conseguiria, talvez; mas são tantas! E não é apenas na intimidade dos seus "centros" que as filiadas devem estar unidas. Onde quer que seja que se encontrem, o emblema que trazem ao peito deve aproximá-las com amizade e têm obrigação de exercer influência umas sôbre as outras, e, tôdas juntas, no meio em que vivem.

Devem ser entre si uma fôrça de amparo para poderem fazer frente, se for necessário, à crítica daquelas que não sabendo conservar-se dignas e não tendo coragem para *subir*, porisso desejam que as outras *desçam*.

Não pretendemos que as raparigas da "Mocidade" sejam antiquadas ou vivam enclausuradas.

O que nós desejamos é que sejam luz no mundo!

Não lhes pedimos que se afastem da sociedade ou que se entretenham a criticar quem procede mal: o que desejamos é que se imponham pelo seu modo de vestir e pela pureza dos seus costumes, sendo as mais elegantes mas também as mais correctas; sendo as mais sérias mas também as mais alegres; sendo as mais virtuosas mas também as mais atraentes e simpáticas.

O que nós desejamos é que as raparigas da "Mocidade" sejam no seu exterior um modêlo e na sua atitude um exemplo.

Não as queremos embiocadas, escrupulosas nem tristes. Queremos apenas que sejam raparigas sãs de corpo e alma, gostando de parecer bem e de se divertir, mas sem esquecerem que são cristãs e portuguesas: é isto que a "Mocidade" lhes pede.

A grande imperatriz Maria Teresa da Austria, que teve uma vida exemplaríssima numa época e numa côrte desmoralizada, costumava dizer: "Sou a primeira do meu reino, tenho de ser a primeira em tudo".

Também vós, raparigas da "Mocidade", sois *as primeiras* em Portugal! Mas não basta ter o primeiro lugar: é preciso ser, pessoalmente, a primeira em tudo!

MARIA JOANA MENDES LEAL

CASAQUINHO DIREITO

As mangas são feitas com agulhas um pouco mais finas do que o corpo.

Modo de fazer o trabalho: Começa-se por baixo e trabalhando numa só parte até às cavas. Deitam-se 112 m. Trabalhar em liga (sempre a direito) ao alto 54 voltas. Formar as cavas. Trabalhar 27 m. (uma parte da frente) rematar 5 m. (primeira cava). Trabalhar 48 m. (costas) rematar 5 m. primeira cava (segunda cava). Trabalhar 27 m. (segunda parte da frente). Trabalhar cada parte separadamente. Em cada uma das partes da frente continuar a borda a direito. Simultâneamente do lado da cava rematar à primeira volta de intervalo duas vezes 2 m. uma vez 1 m. Trabalhar a direito sôbre as 22 m. restantes até que o trabalho tenha 86 voltas ao alto (cêrca de 18 cm. Rematar as m. e terminar a segunda parte da frente da mesma maneira. Apanhar as m. deixadas para as costas. Rematar de cada lado para as cavas a primeira vez 2 m., segunda vez 1 m. Sôbre as 40 m. restantes trabalhar ao alto 18 cm. Rematar as m.

As mangas: são feitas só duma peça, ombreiras e costas tudo junto em ponto de elástico, (1 m. do direito outra do avêsso). Começa-se por baixo. Deitar 64 m. trabalhar 12 cm. ao alto. Depois rematar de cada lado à primeira volta de intervalo quatro vezes 2 m., 3 m., uma vez 11 m. Sôbre as m. restantes trabalhar para fazer as ombreiras 5 cm. em linha direita. Rematar uma das extremidades (borda da frente) 11 m. Trabalhar ainda 3 cm. nas m. restantes, encaixe das costas. Rematar. Fazer a segunda manga igual em sentido inverso. Coser as mangas. Contornar a costura com uma volta de crochet.

SAPATINHOS

Começar pela sola, deitar 50 m. Fazer 8 voltas em ponto de liga, aumentando 1 m. ao princípio e ao fim da 2.ª e 4.ª volta. Trabalhar mais 8 voltas. A partir desta altura trabalhar da maneira seguinte: 1.ª volta trabalhar 23 m., 2 m. juntas, 4 m., 2 m. juntas, 23 m. 2.ª volta trabalhar 22 m., 2 m. juntas, 4 m., 2 m. juntas, 22 m. etc., até que fiquem na agulha só 34 m. Nesta altura fazer 1 volta lisa. Na volta a seguir fazer 2 m. juntas, 1 laça, etc., até ao fim da agulha. Depois trabalhar 20 voltas de m. de elástico dobrado (2 m. para o direito, 2 para o avêsso) e rematar.

Coser os sapatinhos e enfiar uma fita nos abertos.

COMBINAÇÃO - CALÇA

Começa-se por baixo da parte da frente. Deitar 70 m. Fazer 3 cm. em ponto elástico dobrado (2 ao direito 2 ao avêsso) e 15 cm. de ponto de liga (sempre ao direito). Trabalhar 7 cm. em ponto elástico dobrado. Continuar o ponto de liga. Juntar a cada extremidade para as mangas 1 vez 5 m. e na volta seguinte 15. Trabalhar 6 cm. a direito. Rematar as 24 malhas do meio. Trabalhar um lado. Trabalhar 2 cm. a direito. Juntar do lado do decote para as costas 1 vez 12 m. Trabalhar 6 cm. em ponto de liga. Rematar do lado da manga 1 vez 15 e 1 vez 5 m. Trabalhar 7 cm. em ponto elástico dobrado. Deixar as m. Fazer a segunda metade do mesmo modo. Juntar as duas metades na agulha. Trabalhar 15 cm. em ponto de liga e 3 cm. em ponto de elástico dobrado. Rematar. — As bordas. Apanhar 28 m. ao fundo da manga. Trabalhar 3 cm. em ponto elástico dobrado e rematar. Apanhar 10 m. ao meio das 50 m. da parte da frente. Trabalhar 12 voltas em ponto de liga. Rematar. Fazer o mesmo na parte de traz. Coser dos lados apanhando tôdas as m. de cada lado da perna compreendendo os lados do meio. Trabalhar 12 voltas em ponto de liga. Forrar o meio com fita para pregar 4 botões. Do outro lado fazer as presilhas. Fechar a abertura das costas com fita.

POR MARIA PAULA DE AZEVEDO

ERA UMA VEZ... a MENINA *insatisfeita*

MARIA do Carmo tinha 10 anos e era filha de gente riquíssima: os pais tinham vivido muito tempo no Brasil e, graças ao trabalho honesto do pai, a fortuna tinha-se desenvolvido imenso.

Voltaram para Portugal e resolveram viver em Lisboa onde compraram um palacête no Bairro Azul.

Mas, infelizmente, nunca se sentia contente aquela pobre menina! Os pais adoravam-na; e tudo o que a pequena desejava surgia como por encanto...

Mas a pequena nunca fazia durar o seu contentamento; e passadas algumas horas, ou mesmo antes, já desejava outra coisa. Um dia veiu viver para a casa ao lado uma família simpática com quem começaram a manter boas relações; e como havia duas pequenitas pela idade de Carminho, combinaram-se tardes de alegre brincadeira.

—Quem me dera ter uma boneca como a tua—suspirou Guidinha, a mais velha, pegando numa das lindas bonecas de Maria do Carmo.

—Então o teu pai não te dá uma?! —respondeu Maria do Carmo.

—O pai não é rico—interveiu Nazareth—e acha que as bonecas custam muito dinheiro.

—E isso que tem?—tornou Maria do Carmo—o dinheiro fez-se para se comprarem coisas—concluiu.

—E para que queres tu tantas filhas?—continuou Nazareth.

—Eu nem já faço caso delas; tudo me aborrece!

—E' porque tens tudo! E assim nunca esperas por nada—disse Guidinha—E se tu, de vez em quando, fizesses um monte das coisas que te aborrecem e as fôsses levar...

—Aonde?!!—preguntou Maria do Carmo, interessada.

—A's casas de gente pobre onde há meninas da nossa idade — lembrou Nazareth.

—Que divertido! Vamos! Vamos! —gritou Maria do Carmo, correndo para o quarto das brincadeiras. Mas nessa altura apareceu a creada das pequenas para as buscar e nada mais se combinou. Contudo, a idéa generosa de Guidinha ia germinando no espírito insatisfeito de Maria do Carmo; e à noite, quando a mãi foi beijá-la na cama, ela preguntou:

—O' mãi, sabe onde há casas de meninas pobres que não têm brinquedos nenhuns, nem bonecos, nem nada?

A mãi, espantada, respondeu:

—Infelizmente não é difícil encontrá-las. Mas tu nada tens com isso, Carminho; para ti ha-de sempre haver as bonecas e os brinquedos que quizeres. E agora dorme, meu amor.

Maria do Carmo nada respondeu; Mas tôda a noite cismou... Na manhã seguinte foi à sua creada que tornou a preguntar o que preguntára à mãi. E essa, uma boa beirôa cheia de simplicidade, logo exclamou, rindo com gôsto:

—Se a menina quer já saber dum casebre onde há uma catrefa de miúdas, é dar uns passos além, a umas terras de Palhavã, e topa com a tropa tôda a quem tudo falta neste mundo!

—Tudo falta neste mundo...—murmurou Maria do Carmo, admirada.

—Pois?—tornou a creada—E' o pão, é o fato...

—Queria lá ir contigo, Maria de Jesus—e Maria do Carmo levantou-se da cama e correu para o quarto do banho.

—Se a mãisinha der licença, é já, menina!—A mãi, sem saber do que se tratava, deixou que Maria do Carmo e a creada saíssem até ao almôço.

E quando, pelo meio dia, a filha correu ao seu encontro, de olhos brilhantes e faces còradas, o seu espanto foi grande ao ouvir as frases vibrantes de Maria do Carmo.

—Mãi, ó mãi! Eu não sabia que havia meninas assim! Não tinham tomado o leite da manhã, não lhes tinham dado pão com manteiga! e dormem às duas e duas num colchão velho! E não têm sabão para se lavar, nem água quente para o banho, nem bonecas para brincar, nem...

—Mas que gralhada é esta, Carminho?!—interrompeu o pai, que entrava para almoçar.

—Paisinho, eu explico o que é. Só hoje é que eu vi meninas pobresinhas; e acho tão esquisito que elas não tenham uma quantidade de coisas que eu tenho! Gostava de lhes levar esta tarde o pão, o leite, as bonecas, os livros...

O pai, que era um homem bom, embora tivesse sido mau educador até ali, ficou um momento, a pensar. Depois, sentou-se à mesa, chegou a si a filha adorada, e disse-lhe:

—Meu amor, acabas de me fazer ver uma coisa em que eu não tinha pensado ainda. Eu trazia hoje uma boa notícia para casa: é que acabo de ganhar, inesperadamente, mais uma centena de contos. Tencionava aplicá-los na compra duma casa que está para vender no meio duma pequena quinta.

—Então o paisinho não responde ao que eu lhe disse?—interveiu Maria do Carmo, desconsolada.

—Vai, Carminho, levar o que quizeres às pobrezinhas: e a casa que eu vou comprar será a *Casa para as crianças pobres*, onde nunca nada lhes faltará!

Maria do Carmo, radiante, saltou ao pescoço do pai. E enquanto não ficou tôda instalada a *Casa das Crianças pobres*, no meio duma quintazinha alegre e cheia de sol, Maria do Carmo não descançou! Quiz ela mesma coser os guardanapos de atar, embainhar os grossos panos de cosinha... Depois, quiz ser ela, no dia da inauguração, a arrumar as cadeiras nos seus lugares, os banquinhos de costura, tudo! Não se descreve o que foi, então, a alegria daquela festa. Mas, se entre as dezenas de crianças pobres que de ora avante ali teriam o pão, o fato, o ensino, a limpeza, reinava um entusiasmo que fazia bem à alma, que dizer da felicidade de Maria do Carmo? Nunca mais soube o que era aborrecimento. E percebeu, então, que a maior alegria dêste mundo está numa coisa simples: — *Dar alegria aos outros!*

MEMÓRIAS dum LÚLÚ *branco*

EU sou um cão esperto; não há disso a menor dúvida. E como levo a vida a observar o que se passa em volta de mim, na alegre casa em que vivo (no meio duma família adorável) resolvi escrever as minhas "Memórias": isto é, ditá-las, ladrando duma maneira tão expressiva que a minha dona pequenina, a Mimi, entende sempre perfeitamente o que eu quero dizer. E é ela que resolveu escrever as minhas Memórias. Lusita como é, melhor que ninguém sabe o que interessa as colegas Lusitas!

E eu, assim, tenho a consolação de me saber compreendido.

Quando entrei pela primeira vez em casa dos meus donos só simpatizei com *êle*, a falar a verdade!

A mulher dêle tentou afagar-me, puxou-me para o seu colo, correu a sua mão pelo meu pêlo branco, mas eu que não sou muito dado (como certos cãesitos que lambem tôda a gente) fiz-me de manto de sêda... Os petizes andaram a correr de volta de mim como pardais—mas também não lhes dei confiança.

Com a avó é que embirrei logo! Era uma senhora baixinha, de grandes olhos de vidro acavalados em cima dum grande nariz e eu senti logo que ela não apreciava os meus graciosos pulos, as minhas lambidelas, os meus gritos estridentes ao separar-me do antigo dono. Mas como sou bem educado nunca manifestei ostensivamente os meus sentimentos àquela senhora.

Eu sei que não é próprio de quem tem raça, e conserva o culto dos antepassados como eu, escutar as conversas; mas realmente havia necessidade de intervir no que se dizia, tanto me indignavam as enormidades que ouvia!

Uma delas foi a combinação que fizeram (só os pais, é claro) de me não deixar entrar na casa de jantar—e porquê, poderão dizer-me?

Não sei eu porventura lamber os pratos muito melhor do que êles? Não trinco eu os ossinhos com mais energia? Para mim nem é preciso tôda aquela complicação das toalhas de mesa (sempre a encherem-se de nódoas) dos pratos variados e dos guardanapos para limpar a gordura da bôca. Para que lhes serve a língua então? Só para dizerem mal dos cães, é claro.

Se soubessem servir-se dela como nós, quanto trabalho poupavam aos creados e às lavadeiras... Se os cães falassem até poderiam ter influência na raça humana!

A mania do autoritarismo é que é deveras insuportável nos donos dos cães; e todos a têm, infelizmente!

Está um pobre animal enroscado agradàvelmente, meio adormecido, pensando em bôlos saborosos, em ossos suculentos, estremece de repente: —Lú! venha cá!—Levanta-se o pobre Lú, obedece ao chamamento na esperança vaga duma recompensa; mas qual!

—Lú, chegue aqui! Lú, deite-se!

E' um verdadeiro martírio!

Enquanto a Mimi não se deita, tenho vida regalada; ela é tão meiguinha! E' realmente muito minha amiga, bem o sinto!

Pelo dia adiante tenho uns soninhos deliciosos na posição querida da minha família—costas no chão, patas bem abertas, focinho para o ar. Que delícia!

Estou receando tornar-me vaidoso; é tão freqüente eu ouvir dizer em volta de mim—que pêlo tão branco! Que pelinha tão rosada! Que olhos tão vivos! Realmente não admira se tal suceder.

Para cúmulo da minha toleima chegou há pouco um jornal francês com o meu próprio retrato na capa! (e eu tenho a certeza disso porque ouvi o dono dizer à dona: olha, filhinha, o retrato de Lú!).

Que já me conhecessem em França admirou-me deveras. Mas com as mil invenções que há agora, quem sabe se me fotografaram *a distância*, sem eu perceber?...

Quando estamos na Quinta, vivo sempre rodeado de petizada—não só o rancho de casa, (e são seis ao todo) mas uma tropa de saloiositos pobres, que moram numa casa branca dentro da quinta.

(Segue no próximo número)

Um pedido de Sua Santidade às *LUSITAS*

Sabem, queridas amiguinhas, qual o pedido que vos faz o Santo Padre? Poderia Sua Santidade dar-vos uma ordem, simplesmente; e com que gôsto, decerto, a quererieis cumprir. É, porém, um pedido: e nenhuma Lusita, católica e consciencíosa, deixará de o atender. E' que rezeis, bem do coração, todos os dias, uma oração pela PAZ DO MUNDO! *Pedi a Jesus, pedi a Nossa Senhora que seja a vossa intermediária junto de Jesus, pedi com tôda a vossa alma de creança, e a Paz reinará, enfim, não só na nossa Pátria, mas em todo o mundo.*

ABELHINHAS

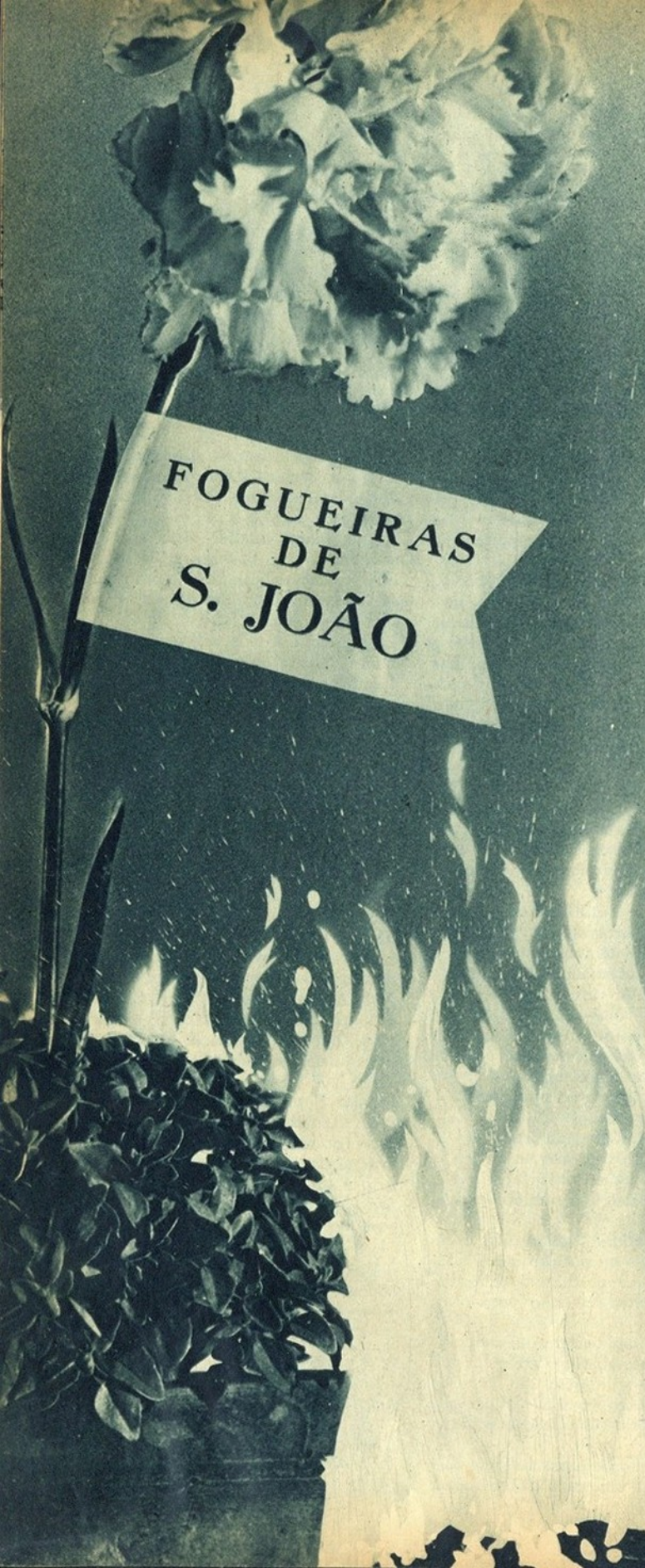
Por absoluta falta de espaço não pode a *Abelha Mestra* falar desta vez.

CHARADAS

Que pena tenho—(1 sílaba)
Daquela creatura—(2 sílabas)
Sem saúde!

* * *

Que abafo de luxo—(2 e 2)
Vejo além na Outra Banda!

(A solução vem na página 16)

TALVEZ não saibam a origem das fogueiras de S. João. Porque será que na noite de 23 de Junho, véspera do nascimento de S. João Baptista, se acendem fogueiras?

Será um simples divertimento sem nenhum passado histórico ou explicação religiosa?

Ou êsse costume terá a sua origem num simbolismo elevado, ligado com o Santo que a Igreja se prepara para festejar?

Que relação haverá entre S. João, que prègava penitência preparando o caminho do Senhor, e as fogueiras de rosmaninho que a gente môça salta alegremente, com tão pouco espírito de penitência?! E' interessante conhecer o motivo das coisas, ter a inteligência das festas a que assistimos ou em que talvez tomamos parte, às vezes com uma ignorância tão grande! Porque será que a festa de S. João é uma festa de luz e de alegria? Porque será que se acendem fogueiras na noite de S. João? Porque será que S. João—a-pesar-da sua figura austera — é tão querido do povo? Nem o povo saberá porquê! Mas sabiam-no os nossos antepassados que possuiam mais do que nós a inteligência das coisas de fé e seguiam com maior devoção a vida da Igreja nas suas festas de esperança ou de triunfo.

O nascimento de S. João é uma festa de alegria porque é o primeiro anúncio duma grande alegria: "Ei-l'O que vem, o vosso Deus!"

As fogueiras da noite de S. João simbolizam que João é êle próprio uma luz que veiu "dar testemunho da luz, para que todos acreditassem!"

Noutros tempos, quando a fé era mais viva, por tôda a parte se acendiam fogueiras na noite de S. João; pelo alto dos montes elas pareciam incendiar o céu; pelos vales elas pareciam abrazar a terra; nas cidades, vilas e aldeias parecia que o próprio coração dos homens era uma chama de amor!

Do Oriente ao Ocidente, na noite de S. João as trevas tornavam-se luminosas. As fogueiras de S. João tinham voz como os Anjos de Belém: era a voz de João anunciando o Cordeiro que tira os pecados do mundo!

O costume de acender fogueiras na noite de S. João vem de muito longe: dos primeiros tempos do cristianismo. A noite de S. João foi sempre uma noite de festejos populares; mas as autoridades tomavam parte e faziam as despezas. Em França, não era raro ser o próprio Rei quem lançava fogo a uma das fogueiras em volta da qual a gente humilde se divertia. Noutros lugares era o Clero quem abençoava a fogueira e a acendia; e o povo, inflamando fachos nas labaredas da fogueira, espalhava-se pelo campo, acendendo outras. Ouviam-se cânticos, apareciam luzes por tôda a parte...

A terra saüdava o nascimento do Percursor na grande alegria da esperança do nascimento de Cristo! A festa de S. João era como que o 1.º acto da festa do Natal: era o despontar da estrêla da manhã que anuncia o nascer do sol!

Fogueiras de S. João! Manifestações populares dum culto de que o sentimento religioso talvez se perdeu, mas de que ficou a marca na alma cristã do povo!

°

Cravos... mangericos... alcachofras... Alegria de viver, perfume, poesia! Não será talvez muito litúrgica esta devoção do povo por S. João. Mas tudo tem o seu encanto e a sua beleza: guardemos as tradições.

COCCINELLE

O LAR

A HABITAÇÃO

AREJAMENTO DA CASA

EMBORA «o sol nasça para todos», infelizmente nem tôdas as casas são soalheiras.

Mas, à falta de sol, podemos, ao menos, deixar entrar o ar, ter sempre a nossa casa bem arejada.

A respiração, a transpiração, o lume, as luzes, os maus cheiros, o fumo, etc., viciam o ar e tornam-no impróprio para os nossos pulmões.

Arejar uma casa é renovar o ar dentro dela; isto é, substituir por ar puro o ar que perdeu os elementos necessários para a nossa respiração e se carregou de elementos nocivos.

QUANDO DEVEMOS AREJAR A NOSSA CASA?

Pelo menos de manhã, durante as limpezas da casa e sempre que abandonarmos um compartimento que tenha estado ocupado durante muito tempo ou por muitas pessoas porque êsse ar tornou-se quási irrespirável pela percentagem de anidrido carbónico que contém. E se o ar que respiramos é viciado, não nos chega aos pulmões o oxigénio suficiente, e, portanto, o sangue, que não fica bem purificado, não pode levar ao corpo a fôrça e a vida que devia.

Quando o tempo o permite, o melhor é conservarmos abertas as janelas do compartimento em que nos encontramos. Não devemos ter mêdo do ar. O ar é vida e saúde! A falta de bom ar é o motivo de muitas doenças e em especial de tuberculose.

Nem todos podem ter uma casa grande e luxuosa; mas todos podem abrir as janelas e procurar viver higiénicamente.

E' um grande êrro o costume que algumas pessoas têm de conservar as janelas quási sempre fechadas, no inverno por causa do frio e no verão por causa do calor!

Outras pessoas vivem quási às escuras para que a luz não desbote o papel das paredes ou o fôrro dos móveis! Deve-se ter um certo cuidado, mas não devemos sacrificar as pessoas aos móveis!...

A falta de luz também prejudica a saúde.

Já repararam nos vasos de trigo com que se enfeitam os presépios? Em vez do trigo ser verde como aquêle que vemos nas searas, o trigo dêsses vasos é esbranquiçado. Sabem porquê? Porque foi criado dentro de casa e ás escuras. E' o que nos sucede a nós quando nos falta o ar e a luz. Tornamo-nos pálidos e anémicos.

Mesmo durante o inverno nunca se deve deixar passar um dia sem arejar bem a casa, principalmente os quartos e as salas de estar. Com muito mais razão se a casa fôr aquecida com brazeiras ou esquentadores porque o carvão incandescente produz o óxido de carbono que vicia gravemente o ar, podendo até dar lugar a acidentes, como veremos noutra ocasião.

Há janelas que têm as bandeiras de modo a poderem-se abrir; é óptimo, pois, no inverno, pode-se, por êste meio, renovar constantemente o ar sem que o frio incomode.

COMO FAZER O AREJAMENTO

Não é preciso abrir as janelas durante o dia inteiro, se está frio ou a chover. Qundo está mau tempo, areja-se a casa mais ràpidamente; bastará abrir as janelas durante alguns minutos. O que é indispensável é que o ar se renove.

Se estabelecermos uma corrente de ar (abrindo uma janela e uma porta) a casa areja-se mais depressa. Mas devemos ter cuidado eu não nos expormos a essas correntes de ar. Se houver crianças, devemos retirá-las antes de ventilar o compartimento.

RECEITAS DE COSINHA

AS nossas receitas podem ser executadas com confiança porque são tôdas já experimentadas.

DOCES DE NOZES

300 grs. de nozes, pesadas sem casca; 8 gemas de ovos; 4 claras; 300 grs. de assúcar.

Passam-se pela máquina as nozes, deixando algumas inteiras para enfeitar.

Batem-se as claras um pouco e depois juntam-se-lhe as gemas, o assúcar e as nozes. Depois de tudo bem misturado vai ao lume até despegar do fundo do tacho. Tira-se do lume e com os dedos untados de manteiga tendem-se umas bolas. Estes docinhos passam-se depois por calda de assúcar em ponto bem alto; mas, antes de se passarem pela calda, esta deve ter sido batida até assucarar; sendo preciso, a calda volta ao lume, para amolecer um pouco. Os docinhos devem ser passados um por um e coloca-se-lhes em cima, enquanto quentes, meia noz.

Estes docinhos são bonitos e muito bons. Quando tiverem visitas para o chá experimentem...

PUDIM DE MORANGOS

Batem-se bem 9 claras em castelo; depois junta-se-lhe 2 chavenas de assúcar e continua-se a bater como se fôsse para suspiros.

Deita-se numa fôrma, de preferência alta e redonda, untada com manteiga. Vai ao forno que deve estar brando; em estando bem cosido, o que se conhece por se despegar com facilidade, volta-se sôbre um prato bastante grande.

Durante o tempo em que o pudim esteve a coser preparam-se os morangos da seguinte fôrma: lavam-se e tiram-se-lhe os pés; partem-se aos bocadinhos, mas não muito miúdos. Deita-se um pouco de assúcar para os adoçar.

Parte-se o pudim com uma faca em volta, levanta-se a parte de cima com geito e deitam-se-lhe os morangos partidos e o competente molho de morangos.

Com as rapaduras da vasilha onde se bateram as claras enfeita-se o pudim com fôrma própria ou com um funil de papel que se aperta em cima para fazer sair a massa fininha.

Acaba de se enfeitar o pudim com alguns morangos inteiros. — E' óptimo.

Como deve uma Filiada da M. P. F. preencher o tempo de férias?

RESPOSTAS

A minha opinião não agradará talvez a muitas raparigas. Paciência. A mim compete-me ùnicamente dar a minha opinião.

As Férias — como o seu nome indica — representa o tempo de suspensão de trabalhos.

Mas que terá de interessante passar os dias, só de brincadeira, desligando-nos por completo de todos os outros assuntos?

E' certo que nas férias devemos aliviar os nossos espíritos, para redobrar a vontade e a persistência quando recomeçarmos novo ano de trabalho.

Mas nem por isso os nossos deveres devem ser abolidos totalmente.

Um trabalhinho de mão, para enfeitar mais o nosso lar, uma ajudasinha às nossas famílias, e algumas peças para cobrirem os membros regelados de pobrezinhos, tudo isto, feito metòdicamente, não impedirá que se divirtam à vontade.

Que alegria não vamos dar àquelas desditosas mãis que lutam incessantemente pela vida, para ganhar o pão de cada dia.

Estou certa que é muito maior a alegria que sentirão ao fazer tão nobre acção, do que aborrecimento ao executá-la.

Há tempo para tudo.

Pratiquemos também desportos, tais como: a natação, patinagem e outros, qus são necessários para o nosso desenvolvimento físico e para a nossa distracção. Vejam bem, sempre com a maior decência que se pode exigir a uma rapariga que está encorporada em tão alta organização — na M. P. F.

Havia um rei na Europa que tôdas as noites analisava o que tinha feito de bom nêsse dia. Mas às vezes o resultado era nulo e então exclamava: «Este dia não pode ser contado».

Assim, nós raparigas, passando êste período de férias sem realizar nada útil, podemos repetir as palavras do dito rei.

Raparigas, divirtam-se sim, mas não esqueçam jàmais o que lhes digo.

Viva a M. P. F. !

Maria Emília Ferreira Ribeiro

Filiada N.º 5 - Centro N.º 1 - Ala 2

Província da Estremadura

Achei interessantíssimo o tema que nos foi dado, ou antes, a pregunta feita, para que tôdas nós com a máxima sinceridade respondessemos.

As raparigas da «Mocidade Portuguesa» devem em todos os sentidos distinguir-se das outras; e é certo que nós, infelizmente, não aproveitamos o tempo de férias como era devido aproveitá-lo. A maioria entende que as férias são sòmente para brincar; esquecendo assim os seus deveres de estudante, de rapariga e por conseguinte de filiada.

Escusado será dizer que é muito natural, depois dum ano de labuta, apreciar-se o descanso, visto as férias terem sido criadas principalmente para êsse fim. Mas as férias são tão grandes! — Porque não havemos nós de dividir o tempo, de modo a podermos aproveitá-lo o melhor possível? — Cada dia que passa é uma parcela da nossa existência... E, não o sabendo aproveitar convenientemente, não colheremos, ao cabo de algum tempo, o fruto que já devia ter amadurecido.

Portanto colegas, falo por vocês e por mim. Vamos tôdas arranjar o nosso horariozinho de «Férias Grandes». Cada uma de nós fá-lo-á como melhor lhe convier, incluindo também o descanso. Até nas próprias horas de recreio podemos adquirir conhecimentos, sem estar com a preocupação do estudo... — Um livro que se leia sôbre descrições de terras, de viagens, de história; uma conversa travada com qualquer pessoa culta, de família ou amiga..., tudo isto serve de recreio ao nosso espírito!

Abandonemos as leituras dos livros de «água com açúcar», que andam tanto em moda e donde nós não tiramos proveito de maior... Evitemos tôdas as conversas banais que tantas vezes nos surgem à mente. Ajudemos as nossas famílias e interessêmo-nos sempre por tôdos os trabalhos delicadíssimos que só dizem respeito ao nosso sexo, tais são: os bordados, as rendas, as malhas e outros... Reservemos algumas horas para o estudo, aliviando, assim, as fadigas do novo ano lectivo.

Enfim, tôda a filiada que se preza de o ser, não deve esquecer nunca os seus deveres de rapariga, de estudante e de católica, mesmo no tempo de férias. — E como havemos de cumprir os nossos deveres de católica? — Não faltando à missa aos Domingos e dias Santos, mesmo que nalgum dêsses dias estejamos com mais preguiça... — E é só assim que se cumpre os deveres de católica? — Não. Praticando o bem. Tendo caridade dos que pecam, ofendendo-nos; ajudando os necessitados, sempre sem vaidade, e tantas outras acções no género...

E assim, colegas, poderão dizer comigo no fim das férias que o tempo passou e que nós o soubemos aproveitar, não nos sentindo, porém, fatigadas.

Uma filiada deve ser sempre persistente e firme nas suas acções para que, com a sua personalidade, possa dignar sempre o nome de Portugal!

Portanto trabalhemos, melhoremos e elevemos cada vez mais a «Nossa Alma»!

Maria Leonor Eugénia de Almeida Reis

Filiada N.º 348 - Centro N.º 1 - Ala 2

Província da Estremadura

Raparigas da M. P. F. como havemos nós de preencher o nosso tempo de férias? Acabaram as lides escolares vamos para o campo ou para a praia, quantas vezes, cheias de saudades da nossa vida da cidade que nos parece o ideal? E porque não havemos de idealizar umas férias úteis e passá-las do ideal à realidade?

Vamos para o campo? Comecemos o dia por um bom passeio cedinho. Chegaremos a casa com bom apetite para o almôço e uma provisão de boa disposição para todo o dia.

Depois do almôço ajudemos nossas mãis, e até nossas creadas, no arranjo da casa: limpa-se um pó, arrumam-se umas cadeiras, se a creada é só uma ajuda-se-lhe a limpar a loiça, vai-se conversando com ela e ensinando-lhe a fazer melhor qualquer coisa com muito bom modo. Feito isto, vamos lá para fóra descansar sem lamentar o calor que está, lembrando-nos de tantas nossas companheiras que não têm a sorte de poderem sair da cidade nas férias. Não apetece ler? Então lembremo-nos que temos no nosso Boletim muitos trabalhos bonitos e proveitosos e ponhamo-los em prática.

Pela tardinha vem o frêsco e começa-nos a apetecer mexer, começam os manos (quem os tem!) a desafiar-nos para a brincadeira... Então, raparigas, não sejamos velhas antes de tempo, não desconsolemos os manos com a eterna frase: «Não me maces»! Eles querem jogar às escondidas? Eles querem jogar o «grilo»? Vamos ao grilo com entusiasmo. Passa-se a tarde e à hora do jantar vem a mãi e o que vê? Os meúdos todos despenteados, muitas vezes com as caritas sujas, mas muito satisfeitos. Nós, as manas mais velhas, para que havemos de deixar a mãi ir pôr ordem nas «toilletes» deles? Vamos nós mesmas lavá-los, penteá-los, mudar-lhes o bibe, etc. Se não temos manos vamos até casa dos quinteiros, conversemos com êles, ensinemo-lhes alguma coisa útil com geitinho para os não melindrar, tratemos bem os filhos deles, (mesmo que sejam muito feios e malcreados!) procuremos incutir a ideia de Deus naquelas almitas rudes mas boas e ensinemos-lhes o catecismo deante dos Pais para que êstes aproveitem também. Feito isto chegaremos à noite contentes do nosso dia.

Na praia que havemos de fazer? Havemos de passar o dia feitas lagartas estendidas ao sol? Não! Apetece ler? Escolhamos um livro bonito, instrutivo ou divertido (com o conselho de alguém de juízo, é claro!) Apetece coser? Lembremo-nos dos pobresinhos e trabalhemos para êles. Não apetece fazer nada? Pois bem, olhemos para o nosso lindo mar de Portugal e pensemos em coisas grandes e bonitas! — Desafiam-nos para dar uma volta? vamos cheias de alegria (sem excessos...) e com a preocupação constante de fazer bem de qualquer maneira: uma boa palavra que se diz, um serviço que se presta, etc.; tudo dará gôsto a Deus e a nós mesmas!

Resumindo: preenchamos o tempo de férias a mostrar a todos que somos raparigas cheias de sonho e de ideal que havemos de realizar pelo nosso esfôrço de raparigas cristãs e Portuguesas!

Maria Leonor de Cabêdo Garcia

Filiada N.º 3 - Centro N.º 3 - Ala 5

Província da Estremadura

(Continua)

Solução das Charadas: *Doente* e *Caparica*